

O ACENDEDOR DE LAMPIÕES

Jorge de Lima

Lá vem o acendedor de lampiões da rua!
Este mesmo que vem infatigavelmente,
Parodiar o sol e associar-se à lua
Quando a sombra da noite enegrece o poente!

Um, dois, três lampiões, acende e continua
Outros mais a acender imperturbavelmente,
À medida que a noite aos poucos se acentua
E a palidez da lua apenas se pressente.

Triste ironia atroz que o senso humano irrita: —
Ele que doira a noite e ilumina a cidade,
Talvez não tenha luz na choupana em que habita.

Tanta gente também nos outros insinua
Crenças, religiões, amor, felicidade,
Como este acendedor de lampiões da rua!

APRESENTAÇÃO

Grandes são os desertos...

*... e tudo é deserto*¹. Também o sertão está em todo lugar, é do tamanho do mundo, e nele se travam lutas com o *Sem-Gracejos*, disputas de poder, batalhas de si a si mesmo; lugar de *gente corajada*, orfandades, tocaias, e não obstante, regozijo². Nas chamadas religiões do Livro, o deserto figura como metáfora iniciática por excelência, como lugar de revelação, de eleição, de proações, e como percurso espiritual. A vida dos primeiros anacoretas, e a história de Santo Antão o ilustra bem, lembra-nos que os desertos são lugar de solidão deliberada, em nome de uma espera ativa. Jeanine Hortonéda³ destaca, no entanto, que é possível, por outro lado e de forma mais *desencantada*, pensar o deserto como lugar de assepsia e de esterilização, passível de conduzir à vida ou à morte. Lugar de desenraizamentos, poderíamos acrescentar, onde as vastidões de horizonte tanto ilustram libertação, quanto desolação e extravio – seja, uma vez mais, num percurso iniciático, ou tão somente numa forma de esvaziamento da vida humana, de si a si mesmo e da vida em comum. Prisão a céu aberto: “Muitos e diversos são os espaços inventados para o aprisionamento”, segue afirmando Hortonéda⁴.

Desencantado ou não – quem estaria em condições de afirmar até onde vai o encantamento? –, o deserto, e também o sertão, é ainda jurisdição de guerras políticas que se confundem ou apoiam na religião – e isso nos desertos de longe e nos sertões de aqui perto. Lembremos tão somente das Cruzadas e de Canudos para que, num salto, tenhamos uma perspectiva da persistência da aridez que alimenta tantas vezes a condição humana, das brutalidades cometidas em nome da religião e do poder de coesão e resistência que a religiosidade é capaz de inspirar, no limite da loucura, ou mesmo além.

Mas que *lugar* é este, deserto, sertão? A espacialização a que somos conduzidos ao *lugarizar* estas vastidões nos captura e nos fixa, quando até mesmo os espaços geográficos que lhes poderiam talvez servir de suporte e materialização, estão eles mesmos em moto contínuo. O deserto, o sertão são “lugar não onde⁵”, um *tempo* que não raras vezes suspende o fôlego e esfria a espinha, apesar do calor escaldante. A vastidão semântica que o deserto abriga, e também o sertão, leva-nos a pensar estas categorias, para além da concretude de sua aridez factícia, como modos de abordar a vida e sua aridez inerente.

“Uma paisagem invisível condiciona a paisagem visível⁶”, conta Ítalo Calvino, e por esta condição inexorável que nos faz dobrar as paisagens de fora em função das paisagens de dentro, nos desertos e nos sertões se inscreve também a desertificação do real, o esfacelamento de si, a vastidão que é abandono, a errância que é condenação ao isolamento. As almas desertas e grandes, continua Fernando Pessoa, são “desertas porque não passa por elas senão elas mesmas⁷”. Os labirintos dos *espaços de dentro* que se confundem e superpõem às vastidões dos *espaços de fora*⁸, o que não deixa de ser uma forma de perder-se, por fora e por dentro. Solidão e incomunicabilidade, como sabemos, podem se dar em meio ao convívio, e longe de serem escolha, ser imposição. *Viver é muito perigoso*.

Trata-se, pois, de pensar o sertão e o deserto numa dimensão que se abre à ontologia, e que avança por interrogações sobre formas e tempos de vida em condições hostis, que se abre também à hospitalidade possível onde tudo parece convidar ao inóspito. Explorar a fundo perdido a polissemia do sertão que nos habita, na caatinga ou nas cidades; das paisagens áridas à secura dos corações, dos espinhos do convívio à infertilidade das ideologias, bem como dos oásis possíveis em povos marcados pela aridez. *Viver é etcétera*.

~*~

O segundo número da *Lâmpião* revista de filosofia, periódico do Programa de pós-graduação em filosofia da UFAL (PPGFIL-UFAL), contou novamente com o auxílio de inúmeras pessoas, às quais somos gratos, notadamente Juliele Sievers, que gentilmente dispôs-se a traduzir o texto de Sohrab Dolatkah e Ghazaleh Esmailpour Qouchani. Agradecemos também a continuada dedicação de Jéssica Baêta de Azevêdo Carvalho, revisora dos artigos, e A. ETC., que contribuiu com as belas e inquietantes imagens que ilustram esta edição da revista. Agradecemos ainda ao conselho do PPGFIL-UFAL, ao conselho editorial da revista e a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFAL. Agradecemos a participação das pesquisadoras e pesquisadores que se dedicaram a construir esse número: Alex Fabiano Correia Jardim, Daniel Silva Moraes, Ghazaleh Esmailpour Qouchani, Luiz Manoel Lopes, Pedro Lima Vasconcellos, Sohrab Dolatkah, Tereza Pinto. Mostra de que em meio à aridez também se podem construir laços.

A leitura minuciosa dos usos da noção de *deserto* no pensamento do mestre sufi Hâfêz de Chiraz, feita por Sohrab Dolatkah e Ghazaleh Esmailpour Qouchani, se encarrega de introduzir a temática compartilhada pelos textos desse segundo número da revista *Lâmpião*. Para isso, os autores trazem esclarecimentos fundamentais acerca da língua e da

poesia persas, na qual não apenas o pensamento de Hâfez se inscreve, mas na qual se dá, explorando minuciosamente os sentidos mais refinados das palavras, a quase totalidade da transmissão dos ensinamentos sufis. Os autores mostram a noção de deserto sendo utilizada como “imagética simbólica” para indicar o percurso iniciático do sufismo – tanto a ideia de travessia do deserto e suas provações, quanto a da almejada união com o *Aimé* (o Amado), objetivo último desta travessia cheia de perigos. Hâfez, através de sua poesia e exemplos, busca instruir os adeptos do sufismo a orientarem-se neste percurso, que não está livre de desorientações e desgarramentos.

Na filosofia deleuzo-guattariana, Alex Fabiano Correia Jardim e Daniel Silva Moraes encontram os instrumentos para a conversação que elaboram em torno do famoso conto *A terceira margem do rio*, de João Guimarães Rosa. Ao embarcar em sua canoa para o interior do rio, o personagem do Pai embarca também num processo de devir pleno e incontornável, devir este que os autores analisam a partir de belas e importantes passagens da dupla de filósofos. O devir é, de fato, pensado por Deleuze e Guattari de forma ontologicamente radical, constituindo uma espécie de (a)fundamento último do real, sem nenhum substrato que o sustente: “A questão ‘o que você está se tornando?’ é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio”⁹. O que equivale a dizer que, no devir, transformam-se todos os elementos nele contidos; no caso do conto em questão, tanto a personagem do Pai quanto o rio no qual ele passa a habitar. O devir-rio do personagem do Pai, em particular, é analisado de forma cuidadosa no texto, revelando, ao fim e ao cabo, a escolha muito feliz deste agenciamento particular entre o conto de Guimarães Rosa e a filosofia de Deleuze e Guattari.

Os impasses de uma clínica que se volta para as *experiências de autoexclusão* são tema da análise cuidadosa feita por Tereza Pinto. No sofrimento daqueles que vivem à margem dos dispositivos de proteção social, a autora reconhece atravessamentos que confundem os limites da ordem do indivíduo e da coletividade: o desemprego, a perda de um ente querido ou a manifestação dos sintomas de uma doença dão os sinais da angústia que confessa os efeitos da miséria simbólica. Nessas experiências de autoexclusão, os ataques progressivos e sistemáticos às políticas públicas se sobressaem, dando a ver um movimento que faz dos indivíduos o esteio de sua própria proteção. É precisamente o sentimento de incerteza em relação à sociedade e seus instrumentos de proteção que estabelece a cena da intervenção concebida por Tereza: na trama das relações precoces, que muito se inspiram naquilo que Winnicott dizia, estão alinhavados os atalhos de um *amparo* que se contrapõe aos laços sociais que de tão precários tornaram-se desertos.

A escrita de Luiz Manoel Lopes mobiliza novamente a filosofia de Deleuze, desta vez para pensar a mudança de paradigma ocorrida no modo de lidar com a escassez de recursos hídricos no sertão brasileiro, em especial na região do Cariri cearense, onde o autor habita já faz alguns anos. Como Luiz Manoel nos mostra, houve paulatinamente uma mudança de um paradigma baseado no *combate à seca* para um paradigma baseado na *convivência com o semiárido*. Recorrendo a textos de autores que se debruçaram sobre a escassez de recursos hídricos, Luiz Manoel intenta fazer um entrecruzamento destes com a filosofia de Deleuze, em especial com algumas passagens de *Lógica do sentido e A imanência: uma vida...*, para mostrar sua tese mais geral, a saber, que a *geo-filosofia* de Deleuze e Guattari é inseparável da *convivência com o semiárido*.

Em torno da polêmica nomeação de *comunista* atribuída à figura de Antonio Conselheiro se desenvolvem os argumentos de Pedro Lima Vasconcellos, nos quais se encerra a exposição dos textos que compõem o segundo número da revista Lampião. Não é sem razão o paralelo que Pedro Vasconcellos faz entre a legitimidade das pautas atuais mais voltadas para as minorias sociais, que vão desde a garantia de serviços públicos básicos aos desafios da desigualdade de renda, e a caricatura de Antonio Conselheiro, visto como representante de uma liderança que trazia as marcas do mal comunista sempre à espreita. É precisamente a *violência física e simbólica* praticada por uma elite política, econômica e social que há muito reside nos sertões brasileiros que está sendo debatida, colocando em questão a arbitrariedade dos olhares históricos que compõem narrativas tradicionalmente aceitas sobre determinados personagens.

Agradecemos uma vez mais pelas contribuições dos pesquisadores e pesquisadoras que muito gentilmente colaboraram para a continuidade deste projeto, que se empenha em fomentar a filosofia que se faz em Alagoas, no Nordeste, no Brasil.

~*~

1 PESSOA, F. *O eu profundo e outros eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d. p. 266.

2 Cf. ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 22ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

3 HORTONÉDA, J. Le désert et le labyrinthe. *EMPAN*. n. 66, v. 2, s/n., 2007, pp. 26-33.

4 *Ibidem*, p. 26.

5 ROSA, J. G. Op. Cit., p. 75.

6 CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das letras, 1990. p. 24.

7 PESSOA, F. *O eu profundo e outros eus*. Op. Cit., p. 266.

8 Cf. HORTONÉDA, J. Op. Cit.

9 DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998. p. 10.